

— Prefiro o trem, respondeu Constance. Não gosto de viagens longas em auto, sobretudo quando há poeira. Mas preciso saber o que Hilda pensa.

— Há de querer ir em seu próprio carro e levar você com ela.

— É provável. E mudando de assunto: Tenho que ajudar. Você não calcula como este carro pesa.

Constance voltou para junto de Mellors, a empurrar o automóvel pela avenida do castelo, indiferente a que a vissem.

— Por que não parariamos aqui e chamaríamos Field? lembrou Clifford. Field é forte, capaz de empurrar o carro ele só.

— Já estamos no fim, respondeu Constance num arquejo.

Ela e Mellors enxugaram o rosto ao mesmo tempo, ao chegarem ao alto. Aquele trabalho em comum os tinha singularmente aproximado.

— Mil vezes agradecido, Mellors, disse Clifford, na porta do castelo. Tenho que trocar este motor, é o que é. Não quer chegar à cozinha para o almoço? Estamos na hora.

— Obrigado, Sir Clifford. Hoje é dia de almoço com minha mãe. Domingo.

— Como quiser.

Mellors vestiu o casaco, deu um olhar para Constance, saudou-os e partiu. Ao almoço Constance não pôde conter-se.

— Por que se comportou tão abominavelmente, Clifford? disse-lhe ela.

— Com quem?

— Com o guarda. Se isso é coisa das classes dirigentes, acho-o lamentável.

— Por quê?

— Um homem que já teve pneumonia e não é forte. Se eu fosse da "classe dirigida", palavra de honra que você ficava esperando pelos meus serviços!

— Não duvido de semelhante coisa!

— Se fosse ele que estivesse no auto com as pernas paralisadas, que teria você feito?

— Minha cara evangelista, esta confusão de pessoas e personalidades é de muito mau gosto.

— De pior gosto ainda é a sua falta da mais elementar simpatia, Clifford, a sua mesquinhez, a sua esterilidade: "Noblesse oblige". Ah! A tal classe dirigente!

— E a que devia a minha nobreza obrigar-me? A sentir uma porção de emoções inúteis quanto ao meu guarda-caça? Recuso-me a isso. Deixo-o para minha evangelista.

— Como se não fosse um homem, tanto quanto você!

— É o meu guarda-caça, além do mais, dou-lhe moradia e pago-lhe duas libras por semana.

— Paga-lhe? Que é que paga com duas libras por semana e a casa?

— Seus serviços.

— Bah! Eu o mandaria às favas com suas duas libras por semana e mais a casa!

— Ele talvez se encantasse de fazer o mesmo, mas é luxo a que não pode dar-se.

— Mandaria às favas você e o seu *governo!* continuou Constance. Você não governa, não se iluda! Apenas tem mais dinheiro que os outros e os faz trabalhar à razão de duas libras por semana sob pena de matá-los de fome. Governar! Que é que pode você em matéria de governar? Uma criatura completamente ressecada. Aproveita-se dos outros apenas, por meio do dinheiro, como aí qualquer judeu sem coração.

— Oh! A elegância com que Lady Chatterley se exprime. . .

— E você? Foi mesmo de rara elegância na floresta, há pouco. Tive vergonha, sabe? Meu pai é duas vezes mais humano que você — você, o "gentleman"!

Clifford tocou a campainha chamando Mrs. Bolton. Estava lívido.

E Constance subiu furiosa. Ia dizendo: "Ele compra as gentes! Mas a mim é que não comprará — e aqui não fico. "Gentleman" peixe seco, alma de celulóide! E como se iludem com as suas belas maneiras e seus afetados ares de gentilezas. Tudo neles é celulóide."

Em seu quarto fez os planos para a noite, decidida a não mais pensar em Clifford. Não queria odiá-lo. Não queria ficar ligada a ele nem pelo ódio. Aquela disputa quanto à atitude para com os serviçais vinha de longe. Clifford achava-a mui-